
O DESCENTRAMENTO DA IDENTIDADE FEMININA EM *A SOMBRA DO PATRIARCA*

Daniele Barbosa de Souza Almeida¹

RESUMO

Este artigo defende a hipótese de que Alina Paim, autora sergipana nascida em 1919, é uma autora feminista engajada com fatores estéticos e sócias. Em *A sombra do patriarca* (1950) podemos observar que na medida em que Raquel, a protagonista, expõe suas ideias sobre o papel da mulher, a autora propõe uma nova identidade para suas leitoras. Raquel é contra a inferiorização e submissão da mulher. Essa hipótese será sustentada metodologicamente pelos conceitos de Stuart Hall em *Identidade e Diferença*, que defende a identidade como uma construção cultural e social. Portanto, o objetivo deste artigo é mostrar que *A sombra do patriarca* é uma obra feminista e que Alina Paim deseja subverter e desestabilizar a identidade da mulher através do seu romance.

A identidade somente se torna uma questão quando está em cri-se, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (MECER, 1990, p. 43).

Alina Paim, autora Sergipana nascida em 1919 pode ser considerada uma feminista pela sua característica subversiva no que diz respeito à naturalização da supremacia masculina. Em seu romance *A sombra do patriarca* (1950), ela constrói um denso painel de mulheres oprimidas pelo sistema patriarcal próprio da cultura açucareira.

O romance narra a visita de Raquel às terras de seu tio, Ramiro. A leitura da obra nos permite estabelecer uma relação entre Ramiro e o poder patriarcal. Ramiro é a representação da dominação e superioridade masculina. Desde o primeiro encontro de Raquel e Ramiro é possível observar a antipatia e a oposição de Raquel ao comportamento e às ideias do tio.

A princípio, Raquel apenas observa a rotina da Fazenda Fortaleza. Analisa todas as pessoas da casa. A protagonista estranha e até se incomoda com as atitudes das mulheres

daquela casa, sempre prontas para servir e manter a ordem. O próprio nome da fazenda sugere o aprisionamento que aquelas mulheres estão submetidas.

Raquel é acometida de um impaludismo e é forçada a permanecer na fazenda por mais tempo do que o programado. Nessa estadia prolongada, Raquel passa por um processo de autoconhecimento e acaba por entrar em conflito com Ramiro e sua filha Tereza.

Várias personagens da narrativa seguem à risca o modelo comportamental da mulher da época. Vamos entender esse modelo como a identidade padrão, normalizada. “A identidade normal é natural, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem se quer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade”. (SILVA, 2000, p 83).

É importante observarmos que a normalização da identidade implica em dois fatores que contribuem para a perpetuação do patriarcado. O primeiro é que toda norma traz consigo um símbolo de poder. Essa norma faz parte de um processo de hierarquização, que estabelece o homem como opressor e a mulher como oprimida. A norma serve como um instrumento arbitrário de avaliação de condutas. O segundo é o de que a toda norma se segue um processo de homogeneização, tornando os indivíduos invisíveis.

Cabe a mulher numa sociedade falocêntrica os espaços domésticos, a submissão e a invisibilidade. O homem dotado de inteligência e responsável pelo sustento da família, é considerado superior à mulher. Características que ficam gravadas nas identidades tanto do homem quanto da mulher.

Para o estudo da identidade nesse romance recorreremos ao estudo do corpo. Entenderemos como corpo “um lugar de inscrições, produções ou construções sociais, políticas, culturais e geográficas.” (GROSZ, 2000, p, 84)

¹ Graduada em Letras Inglês pela UFS, é pós-graduanda de Ensino de Português e Literatura da UFS.

Ao escrever *A sombra do patriarca*, Paim não se limita a escrever sobre um tipo de mulher. Vários tipos de corpo são construídos e desfilam em sua obra. É da interação desses corpos que resulta na crítica ao poder do homem sobre o corpo feminino.

Essa relação corpo/mulher é um tema amplamente discutido pela crítica feminista que vê o corpo como um espaço de aprisionamento e de inscrições socioculturais excludentes.

Observando a importância do corpo para a crítica feminista, Elódia Xavier em *Que corpo é esse?*(2007), cria uma tipologia baseada nas narrativas de autoria feminina levantando dez categorias dentre os quais destacaremos os quatro tipos encontrados no romance de Alina: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado e corpo liberado. Porém para esse trabalho observaremos o corpo disciplinado como a identidade padrão, o corpo invisível como resultado da homogeneização e o corpo liberado como movimento descentralizador da identidade.

Assim como o corpo, Tomaz Thadeu da Silva defende a ideia de que tanto “a identidade como a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um modo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.” (SILVA, 2000, p, 76)

Ao identificar os tipos de corpo presentes em *A sombra do patriarca*, analisaremos a identidade padrão e sua descentralização através da protagonista. Em meio aos tipos de corpo elaborados pela autora, podemos perceber uma obra amadurecida e engajada não só com o social, mas também com o estético, conferindo à sua obra o caráter educativo de um romance de formação.

O CORPO DISCIPLINADO COMO IDENTIDADE NORMALIZADA

“Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (SILVA,

2000, p. 83). Para a sociedade nordestina da década de 20, retratada em *A sombra do patriarca*, o corpo disciplinado é a identidade normalizada.

A maioria das personagens no romance são exemplos desse tipo de corpo. Determos-emos a analisar apenas Tereza, filha de Ramiro. O comportamento de Tereza é visto como o ideal para a mulher, elas trazem consigo a identidade da mulher, que deve ser submissa e dócil, nascida para casar e constituir família.

Tereza aceita o seu destino de mulher e se submete a um casamento arranjado. Educa seus filhos sob os padrões da sociedade da época, acredita e quer que suas filhas acreditem que a mulher deve ser submissa ao marido.

As justificativas de Tereza para a submissão da mulher, repetem as representações próprias para a mulher pregadas pelas instituições sociais: família, igreja e escola: “A religião explica com clareza: a mulher tem que viver sob a tutela do homem, primeiro na casa paterna, depois na companhia do marido” (ASP, p. 39 e 40).

Tereza tem receio de que as ideias de Raquel influenciem no comportamento das suas filhas. “Julgue minha precaução da maneira que entender, porém não estrague com idéias perniciosas o trabalho de suas mestras no colégio e o meu durante as férias” (ASP, p. 68).

Um aspecto interessante da vida de Tereza é a sua relação com o marido, Oliveira. Tereza exemplifica a teoria de Bourdieu de que “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 1999, p. 46).

Tereza discrimina o marido pelo fato de ele não ser o provedor da família, função do homem numa sociedade falocêntrica. Um homem como o seu marido, não pode ser exemplo para seus filhos, então ela nega-lhe o direito de educá-los. Paradoxalmente, o fato de Oliveira ser um homem incapaz de sustentar sua família e, portanto, indigno de consideração dentro de sua própria casa, faz com que Tereza se sinta também inferior, uma vez que cabe ao homem ocupar a posição dominante no casal.

DA DISCIPLINARIZAÇÃO DO CORPO A INVISIBILIDADE

Outra personagem que merece destaque na nossa análise é Amélia, esposa de Ramiro. Através dessa personagem observamos que a força do patriarcado à medida que normaliza a submissão da mulher a torna invisível.

O exemplo de corpo mais submisso da narrativa é o **corpo invisível**. Segundo Elódia Xavier, esse tipo de corpo tem a característica de ser completamente apagado tanto na corporalidade como no que diz respeito a opiniões e atitudes. É “a inexistência da mulher como sujeito do próprio destino” (XAVIER, 2007, p. 34). A presença desse tipo de corpo na obra é uma crítica ao poder patriarcal capaz de anular completamente a mulher.

Amélia, mãe de duas filhas, é massacrada pelo marido que não lhe perdoa o fato de não ter lhe dado um herdeiro homem, que continuasse a sua obra e perpetuasse a sua sombra. Diante da pressão e do desprezo do marido Amélia se apaga quase que completamente, conservando apenas a vivacidade do olhar. Amélia é completamente invisível aos olhos de Ramiro.

Devia ter sofrido muito para chegar aquele extremo, apagada e silenciosa como sombra... durante todo esse período ela suportara o peso do descontentamento do marido e fora cedendo, palmo a palmo, seus direitos naquela casa em troca da tranquilidade de uma vida despercebida (ASP, p. 93).

O CORPO LIBERADO COMO DESCENTRAMENTO DA IDENTIDADE

Duas personagens aparecem na obra com conceitos que visam abalar os quadros de referencia comportamental da mulher. Raquel e Leonor querem deslocar e fragmentar a identidade feminina. Para elas a ordem social na qual a mulher deve ser submissa ao homem não faz sentido e precisa ser transformada. Elas buscam o rompimento com as estruturas da sociedade.

Segundo Elódia Xavier, as “protagonistas mulheres que passam a ser sujeitos de sua própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento”, são exemplos de **corpo liberado**. O simples fato de essas personagens planejar conduzir suas vidas faz delas agentes desarticuladores da identidade e abre possibilidade para a criação de novos sujeitos.

Em vários momentos da narrativa, Raquel, protagonista da obra, entra em conflito com o tio e com Tereza ao externar suas opiniões. Suas ideias sobre o papel da mulher são consideradas por ambos, como um desrespeito e uma negação da autoridade.

Raquel defende que a mulher não precisa ser submissa ao seu marido e que, pelo contrário, “A mulher pode ter personalidade e não precisa apagar-se diante do marido” (ASP, p. 39). Diante da opinião de Ramiro de que “a mulher foi feita para tomar conta da casa, cuidar do marido e criar os filhos” (ASP, p. 46). Raquel se rebela e diz não acreditar que a mulher seja desprivilegiada intelectualmente e nem que deva se submeter às concessões de seus pais e maridos em ser professora ou contadora.

Raquel acredita que “a mulher pode competir com um homem e vencer em qualquer coisa para que tenha vocação. Pode ser médica, advogada e até engenheira, apesar das dúvidas de muitos homens sobre suas aptidões para a matemática” (ASP, p. 46).

Raquel desafia a autoridade de seu tio e acrescenta que a sua maneira de encarar a situação da mulher está muito atrasada. Raquel não tem medo de afirmar diante de seu tio que é contra a eternização do arbitrário. Pierre Bourdieu destaca que ao homem naturalmente cabe o mundo exterior e à mulher, a casa, onde terá constantemente a vigilância de seus pais e maridos:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço,

opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. (Bourdieu, 1999, p. 18).

O fato de Raquel ser a protagonista da narrativa e ter um comportamento diferente para os padrões da época antecipa a opinião de Alina Paim sobre o papel da mulher diante da sociedade. É principalmente através de Raquel que a autora dialoga com suas leitoras na tentativa de lhes mostrar um novo caminho, uma nova identidade.

Outro exemplo de **corpo liberado** da narrativa é Leonor, prima de Raquel. “Leonor e eu éramos aliadas, tínhamos a unir-nos a vontade de escapar da sombra do patriarca, o desejo de quebrar essa sequencia de orgulho e submissão.” (ASP, p. 70). Ramiro é denominado pela neta de Senhor Feudal.

Leonor queria ser médica, mas esse desejo foi negado pelo seu avô, que lhe deu duas opções, ser professora ou seguir o curso comercial. Leonor escolheu o segundo. Mas não se conformava, não queria seguir o que o “destino de mulher” lhe reservava, tinha a “chama da revolta”. Embora impelida a seguir as ordens de seu avô ela arquiteta um plano de fuga. “Por que não seguir a medicina, independente da vontade de vovô?” (ASP, p 48).

Seu plano consiste em se formar e utilizar essa carreira imposta como um meio de ganhar a vida independente de seu avô. Além do obstáculo financeiro, Leonor se preocupa, a principio, com o apelo emocional da família. A família é mostrada como um espaço de adestramento social. Ir de encontro as suas regras é traí-la. “No principio me debati numa luta íntima terrível, me acusava de má, de filha sem coração e outras coisas que a gente ouve desde pequena sobre pessoas que não se unem com os parentes. Com o tempo foi serenando o sentimento de culpa” (ASP, p. 52).

Através dessa outra personagem Alina Paim alerta suas leitoras para a ação repressora do condicionamento familiar. Segundo Elódia Xavier a família cria mecanismos protetores e ao mesmo tempo repressores sendo essa temática, portanto imposta a todos aqueles que se interessam pela problemática feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística (...) elas são criadas por meio de atos de linguagem” (SILVA, 2000, p. 76). Alina Paim constrói um romance de formação, a autora tem conhecimento de que a literatura pode ser usada como um agente de amadurecimento de opiniões e que pode proporcionar as suas leitoras o contato com situações que lhe inspirem confiança na busca pela liberdade, favorecendo o desenvolvimento de um comportamento mais crítico.

Alina Paim deseja subverter os corpos disciplinados, criar uma identidade liberada para mulher e o faz principalmente através da sua protagonista. Raquel ao longo da narrativa cruza a fronteira do que é permitido para uma mulher. A autora utiliza a sua protagonista como uma bandeira de luta contra a dominação masculina sobre a mulher, imposta e absorvida ao ponto de não precisar de justificativa.

Em toda a obra Alina Paim brinca com os papéis assumidos tanto pelo homem como pela mulher. Ela combate a aparente naturalidade do binarismo homem-mulher e tudo aquilo que possa ser justificado por fatores biológicos. A atitude de Raquel na narrativa nos leva a crer que a autora não acreditava que a identidade era algo intrínseco, mas uma construção cultural e social.

O comportamento da protagonista nos possibilita inferir que Alina Paim tinha consciência de que a sua obra poderia servir tanto para perpetuar os valores machistas como para alterá-los, e escolhe a segunda opção. A autora introduz novas identidades, e não é só a figura feminina que aparece reformulada, mas sutilmente, através da personagem Oliveira, a autora também propõe um novo modelo de atuação para o homem.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARDOSO, Ana Leal. Uma leitura feminista da obra de Alina Paim. In SILVA, Antonio de Pádua (Org.). **Gênero em questão – ensaios de literatura e outros discursos**. Campina Grande: EDUEP, 2007.

PAIM, Alina. **A Sombra do Patriarca**. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado - a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.

XAVIER, Elódia. A família no banco dos réus. In: **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Itabaiana: EdNUL, 2006. Acessada em julho de 2007. Endereço eletrônico: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/links/edic_interdisc.htm

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? - o corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.